

DONOS DA BOLA

EDUARDO COELHO

Organizador

MARACANÃ SEM AMANHÃ

ARMANDO FREITAS FILHO

A primeira vez que entrei no Maracanã foi no dia em que se inaugurou o estádio. Ele ainda estava meio em construção, era o futuro da minha vida, mas o que o iria completar não seria tanto o término das obras e sim a conquista da copa de 50. Talvez por isso tenha ficado inacabado por muito tempo, e, até hoje, guarde um clima de *work in progress*.

O jogo de estréia foi entre os combinados de “novos” do Rio e de São Paulo, com a vitória dos paulistas por 3 a 1. Mas ao menos uma alegria este carioca usufruiu: o primeiro gol que a torcida gritou naquele cenário foi o de Didi, fluminense, nos dois sentidos, em chute de fora da área, bem ao seu estilo – veloz – com a bola chegando à meta, quadro a quadro, antecipando, ao vivo, o *replay*, em *slow motion*, de hoje.

Àquela altura, não tínhamos encontrado a expressão definitiva – folha seca – para aquele efeito estranho que tira o peso da bola, paralisa o goleiro, a paisagem em torno, como que numa foto ou natureza morta absurda que vai da geral ao miolo da área, onde só a esfera de couro vive, vencendo o ar e a hipnose. Sete anos depois, foi via “folha seca”, executada pelo mesmo autor, no mesmo campo, que embarcamos para o sucesso na Suécia.

Mas voltando a 1950: os jogos do Mundial começavam e o Brasil, apesar de um empate decepcionante com a Suíça (no Pacaembu!), depois de passar sem hesitação pelo México, foi em frente, arrasando, num crescendo, Iugoslávia, Suécia, Espanha.

A partida final, com o Uruguai, era *pro forma*; nunca nada foi tão certo, nunca mais nada foi tão certo. Eu estava lá, com dez anos, nas cadeiras de ferro azuis, que de tão novas cortaram, a frio, as minhas pernas de calças

curtas, principalmente na hora do *frisson* do gol de Friaça, nome adequadíssimo para a circunstância. O resto já se chorou em prosa e verso. Perdemos para sempre. Olho para trás: o que vejo é o gigante do Maracanã contra o céu, nu e cru, cinza, em concreto aparente e bruto, arranhando todos aqueles que o vestiram por noventa minutos e que, agora, o abandonavam em silêncio. O Maracanã foi minha primeira ruína.